



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

MAYRA DE FÁTIMA CAVALCANTE

**O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS:
UMA ANÁLISE SOB A VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA**

**GUARABIRA - PB
2018**

MAYRA DE FÁTIMA CAVALCANTE

**O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS:
UMA ANÁLISE SOB A VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi.

**GUARABIRA - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376i Cavalcante, Mayra de Fátima.
O livro didático e o ensino das variações linguísticas: [manuscrito] : uma análise sob a visão sociolinguística / Mayra de Fátima Cavalcante. - 2018.
35 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Ensino. 2. Língua Portuguesa. 3. Variação linguística. 4. Sociolinguística. 5. Livro Didático. I. Título
21. ed. CDD 410

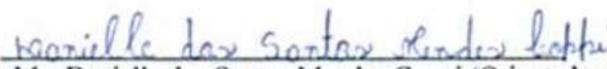
MAYRA DE FÁTIMA CAVALCANTE

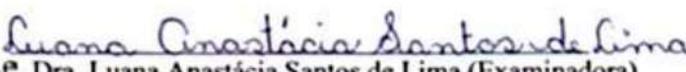
**O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS:
UMA ANÁLISE SOB A VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA**

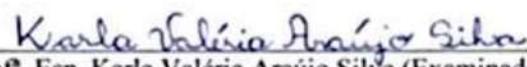
Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em: 29/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Esp. Karla Valéria Araújo Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha amada Vó Vanda, Joana Balbino Cavalcante, (*in memoriam*),
pela dedicação que teve em toda minha vida escolar até o dia em que
esteve entre nós e pelo incentivo que ela sempre me dava, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado forças e fé para perseverar na realização desse sonho de me formar, pelas vezes que ele me reergueu diante dos momentos em que fraquejei.

A professora Danielle Coppi pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe Marta Balbino, a minha tia Márcia Balbino, aos meus tios Márcio Balbino e Mário Balbino, e meu padrinho Manoel Clementino, pela paciência e incentivo que me deram no decorrer de todos os dias da minha caminhada.

A minha vó Vanda Balbino (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Ao meu namorado, Wedson Henrique, que sempre acreditou que eu seria capaz, me encorajou e entusiasmou nos momentos em que fraquejei.

A Elias Anézio da Silva Júnior, amigo e companheiro de curso, que caminhou ao meu lado durante todos os anos da graduação e aos colegas de classe.

As amigas que carrego no peito pelos momentos de amizade, pela paciência e pelo incentivo e apoio.

Aos alunos e alunas que já tive a oportunidade de ter e de partilhar meus conhecimentos por meio das experiências que já vivi e que foram mais que importantes para minha formação.

“E o tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação a outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma.”

Marcos Bagno

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA SOB O VIÉS SOCIOLINGUÍSTICO.....	10
2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES.....	13
2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O QUE É E COMO NÃO FAZER.....	16
3 UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA.....	20
3.1 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO I: SINGULAR E PLURAL: LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM.....	21
3.2 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO II: PORTUGUÊS LINGUAGENS.....	24
3.3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO III: PROJETO TELÁRIS: PORTUGUÊS.....	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	34

O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS: UMA ANÁLISE SOB A VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA

*CAVALCANTE, Mayra de Fátima

RESUMO

O presente trabalho aponta para o livro didático e o ensino de Língua Portuguesa na perspectiva sociolinguística. Para tanto, foram consultados os PCN de Língua Portuguesa (1998), bem como os escritos de autores como Antunes (2009), Bagno (2006, 2007, e 2013), Coelho (2010), Gnerre (2003), Cezario e Votre (2011), Monteiro (2000) e Tarallo (1985), os quais discorrem acerca do ensino de Língua Portuguesa em correspondência com o estudo das variações linguísticas, de forma a considera-las tão importantes quanto a linguagem estabelecida na gramática normativa. Nessa direção, o foco deste trabalho consiste em analisar o ensino das variações linguísticas a partir de três livros de Língua Portuguesa do 6º ano: *Português Linguagens* de William Cereja e Thereza Cochar; *Singular & Plural* de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart; e *Projeto Teláris* de Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, suas contribuições e considerações, o que promove uma reflexão acerca do ensino dessas variações como forma de atenuar o preconceito linguístico. Desse modo, busca-se ressaltar novas pedagogias e práticas educativas que permitam ao aluno desmistificar a ideia de que a Língua Portuguesa se resume apenas à gramática normativa.

Palavras-Chave: Ensino. Língua Portuguesa. Variação. Sociolinguística. Livro Didático.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de vermos nos dias de hoje as mudanças significativas que ocorreram no ensino de língua materna, uma vez que passaram a explorar a competência linguístico-textual, isto é, a capacidade de ler e escrever textos em diferentes contextos sociocomunicativos, o ensino de Língua Portuguesa ainda apresenta lacunas quanto à abordagem dos aspectos variacionistas da língua e seus usos. De um lado, o fato de prescrever como se falar *correto* de acordo com o que dita a variedade padrão, moldada pelas regras. De outro, o fato de a língua, com marcas da variação, ser considerada *errada*, inaceitável, seja na sua forma escrita, seja na sua forma falada, pela gramática normativa, principalmente por parte dos profissionais da educação, pedagogos, professores, gramáticos, além de jornalistas, redatores, entre outros.

O objetivo dessa pesquisa é analisar como se dá a abordagem das variações linguísticas em três livros de Língua Portuguesa: *Português Linguagens* de William Cereja e Thereza Cochar, *Singular & Plural* de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart e *Projeto Teláris* de Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, mais

* Graduanda em Letras- Português, pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, sob a orientação da Professora Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi. E-mail: mayrabalbinopf@hotmail.com

precisamente o volume seis de cada coleção, direcionados ao Ensino Fundamental II, e investigar se tal abordagem ainda se encontra de forma reduzida, para que, com as reflexões oriundas diante dessa questão, possamos ver esse assunto ser tratado com mais ênfase, ter o tratamento devido, já que é algo que contribui muito para o conhecimento e o entendimento da língua em uso.

O estudo que estamos propondo nesse trabalho aborda uma reflexão sobre as aulas de Língua Portuguesa, sobretudo o tratamento oferecido às variações linguísticas nos livros didáticos de acordo com uma perspectiva sociolinguística, analisando qual importância é dada a essa questão e o que é desenvolvido nessa linha.

Com base em alguns autores como Antunes (2009), Bagno (2006, 2007 e 2013), Gnerre (2003) iremos analisar como as variações linguísticas geralmente estão presentes no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e como elas devem ser consideradas, verificando que ainda falta um ensino mais inovador e tolerante com esses fenômenos variacionistas, assim como falta o conhecimento dos profissionais da educação quanto à importância de saber e passar para seu alunado a noção de adequação/inadequação de algumas realizações linguísticas, eliminando a noção de certo/errado.

Diante disso, buscaremos evidenciar que com os estudos adequados voltados para as variações e eliminando o preconceito que há por volta delas, os alunos passarão a apreciar mais as aulas de Português, deixando de ver esse componente curricular como uma disciplina rodeada de regras que precisam ser cumpridas obrigatoriamente, vendo-a como um amplo leque de estudos que visam a língua, seu funcionamento e suas diversas formas de realização, pois a língua é uma só, mas os usuários que se apropriam dela são vários, com isso, não há nenhuma possibilidade de todos falarem da mesma forma, com o mesmo som, a mesma pronúncia. Seguindo essa linha de pensamento, Bagno (2013, p. 09), afirma que “Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.”

Ao entrar em contato com a Linguística nos vemos fascinados com essa área e a grandeza que ela tem. Achamos importante considerarmos os fatores linguísticos e extralinguísticos que em muito contribuem para enriquecer os estudos que envolvem a língua. Se é por meio da língua que participamos da sociedade, interagimos, nos expressamos e nos comunicamos, ela merece amplos estudos, variados olhares. A língua é uma característica que todo ser humano carrega, é algo que todos tem e usam, com isso ser usada como fator de exclusão é um ato errôneo, não há porque ser discriminada da forma como vemos na

sociedade, não há porque sofrer preconceitos, até mesmo pelo fato de nem todos terem o mesmo acesso a ela.

Ao lecionar Língua Portuguesa observamos que para os alunos, estudar Português é estudar gramática, seguir as regras, e esse é o pensamento de muitos estudantes do ensino fundamental e médio, mas temos conhecimento de que isso não passa de práticas tradicionais, que nos dias de hoje recebem críticas. Na verdade, o que acontece é a incompatibilidade do que diz a teoria com o que é feito na prática, pois durante a graduação aprendemos a trabalhar conteúdos de forma contextualizada com o uso social, aprendemos a importância de trabalhar com os gêneros orais, mas, na prática, o que prevalece é o conservadorismo que ignora as contribuições teóricas da Linguística Moderna.

Nossas experiências desde o início da formação no curso de licenciatura em Letras nos fazem refletir e tomarmos consciência de o quanto a Linguística é relevante para nós, professores de língua, e o quanto ela pode nos ajudar no processo de ensino-aprendizagem e no alcance dos nossos objetivos didáticos enquanto educadores.

Nessa direção, percebemos que considerar o contexto social do nosso aluno é indispensável na obtenção do seu conhecimento, conversar, discutir os textos, avaliar as contribuições do educando através da oralidade também faz nosso trabalho eficaz, não se prendendo apenas à escrita, não procurando erros gramaticais para aponta-los, mas torna-los objetos de reflexão acerca do funcionamento da língua, tornando as aulas contextualizadas de forma a resgatar a realidade a qual cada um de nós estamos inseridos.

Para muitos, sermos professores de Língua Portuguesa nos fazemos dicionários ambulantes, mas nem sempre sabemos de tudo e como a língua está em constante mudança e evolução, devemos sempre nos manter atualizados e por dentro dos fenômenos que surgem, entendendo que nunca devemos nos sentir superiores por esse motivo e sim procurar tornar nossos alunos competentes linguisticamente e eliminar o preconceito linguístico que existir entre eles, de modo a mantê-los próximos aos estudos.

Dessa forma, o presente trabalho, se divide em dois momentos: primeiramente, baseado em alguns autores como Bagno (1999, 2007), Antunes (2009), entre outros, iremos discutir alguns conceitos de sociolinguística, variações linguísticas e preconceito linguístico, apresentando a importância que cada um pode ter ao serem conhecidos por quem tem a língua como objeto de estudo; em seguida, faremos algumas reflexões acerca da visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais diante do assunto que será abordado.

Por fim, será apresentada uma análise na qual iremos avaliar como as variações estão sendo trazidas nos livros didáticos e propostas para o meio escolar, qual tratamento elas têm,

como devem ser trabalhadas e todos os processos que envolvem essa temática, que a cada dia ganha mais espaço nas pesquisas científicas.

2 Algumas reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa sob o viés sociolinguístico

Nesse tópico serão abordados os conceitos de sociolinguística, variação linguística e preconceito linguístico, juntamente com a visão dos PCN acerca desses conceitos, discutindo cada um e evidenciando as contribuições para o estudo da língua materna.

Os questionamentos feitos na sociedade e principalmente na educação acerca do ensino de Língua Portuguesa estão aumentando cada vez mais. O ensino tradicional, ainda predominante, merece reflexão, pois o que está acontecendo é a necessidade da inovação do ensino como forma de dinamizar as aulas, torná-las mais agradáveis e significativas, deixando de lado a mesmice que há anos se vê nas escolas.

Acredita-se que tudo isso se dá pelo fato de o ensino do português ser minimizado ao ensino de gramática, descontextualizado, cheio de regras que querem dominar as modalidades de língua oral e escrita, taxando como erradas as variedades linguísticas que são usadas por vários usuários dessa língua. Por esse e outros motivos o ensino tradicional é criticado por muitos estudiosos, vejamos:

Esse ensino tradicional, como eu já disse, em vez de incentivar o uso de habilidades linguísticas do indivíduo, deixando-o expressar-se livremente para somente depois corrigir sua fala ou sua escrita, age exatamente ao contrário: interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação com a atitude corretiva (e muitas vezes punitiva), cuja consequência inevitável é a criação de um sentimento de incapacidade, de incompetência. (BAGNO, 2013, p.132)

A Língua Portuguesa não se resume apenas à gramática normativa, a um sistema homogêneo, imóvel, que permanece intacto submetido a regras que precisam ser obedecidas, mas, sofre constantes mudanças e/ou transformações, que são explicadas e devem ser aceitas por todos da comunidade linguística. Bagno (2013, p.142) faz um comentário sobre essa questão da gramática:

A gramática normativa tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação.

As mudanças presentes na língua estão sempre aptas a acontecerem, tudo muda e com ela não é diferente, o que acontece é que muitas vezes não conhecemos essas mudanças, e somos ignorantes ao falar delas sem ter conhecimento para entendê-las.

Pensando em tudo isso, surge a Linguística, um ramo que veio engrandecer a perspectiva dos estudos da língua de forma a colaborar com o processo de ensino-aprendizagem. Ela não surgiu para eliminar os estudos gramaticais, mas, para perpassá-los.

Dentro da Linguística temos outras linhas que se preocupam de maneira mais específica com o estudo da língua e sua funcionalidade, entre essas áreas está a Sociolinguística, que assim como a Linguística vem ganhando espaço nos estudos científicos. A Sociolinguística, de acordo com Coelho (2010, p.22) “se ocupa da relação entre língua e sociedade, e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade da fala.”

Esse campo de estudo se revela importante por considerar aspectos que perpassam o sistema da língua, isto é, se preocupam com o contexto social e suas diversas realidades, que ainda estão em processo de aceitação no meio social, “A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”, é o que afirmam Cezario e Votre (2011, p.141). Nessa direção, os aspectos sociais e culturais devem ser vistos como algo fundamental já que a língua é da sociedade, ela não pode ser vista como autônoma e independente, ela depende do contexto, da história e da pessoa que a utiliza como veículo de comunicação.

A língua e a sociedade andam juntas, por isso, devemos ter conhecimento da sociolinguística, entender a importância dessa área, saber considerar seus estudos para podermos conhecer nossa língua, as disposições que ela tem, constatando que não é necessário existir preconceito, não há motivos pra inferiorizar alguém por não saber das regras, por não usar a língua de forma adequada aos variados contextos de comunicação.

Cezario e Votre (2011, p. 141) dizem ainda que “Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável.”. Desse modo, entendemos que a variação não acontece por acaso, mas acontece através de algo que já se esperava, que podem ser os chamados fatores linguísticos e extralinguísticos, esses fatores são adaptativos e influenciam fortemente na fala.

Labov, linguista e fundador da sociolinguística variacionista, preocupado com os fatores que regulam e condicionam as variações, realizou estudos acerca dos aspectos internos

e externos da língua, tentando explicar e comprovar que esses aspectos influenciam fortemente na funcionalidade da língua materna, por isso merecem ser considerados. Cezario e Votre (2011, p.146) diz que “Labov (tal qual Saussure) vê a linguística como uma ciência do social; dessa forma, a sociolinguística equivale à linguística com ênfase na atenção às variáveis de natureza extralinguística”.

Dentro desses estudos estão inseridos o grau de escolaridade dos usuários da língua, a faixa etária, o gênero, a localização geográfica, a classe social, entre outros, que mesmo não estando ligados diretamente com a produção da fala, contribuem para as diversas realizações dela. A esse respeito, Coelho (2010, p.28) discorre,

Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais exatamente são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos ao sistema linguístico ou externos a ele. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos; exemplos são a ordem dos constituintes, a categoria das palavras ou construções envolvidas, aspectos semânticos etc. No segundo caso, são também chamados de condicionadores extralinguísticos ou sociais; e, entre eles, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante.

Na sociedade, convivem pessoas que possuem diferentes realidades. Logo, sabemos que diferentes influências chegam até elas, uma vez que nem todas possuem o mesmo acesso à escola, nem todas possuem acesso ao letramento formal e com isso divergem nos falares. Nesse contexto, não podemos desconsiderar os diversos falares, sobretudo, devemos respeitar essas diferenças. Na visão de Coelho (2010, p. 25, grifos do autor),

Para um sociolinguista, o fato de em uma comunidade, ou mesmo na fala de um indivíduo, conviverem tanto a forma *tu* quanto *você* não pode ser considerada marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e de avanço de conhecimento.

Podemos observar o quanto esses argumentos contribuem para a forma como a língua portuguesa deve ser ensinada e/ou entendida, longe de preconceitos, discriminações, despreocupada em apontar erro ou acerto.

Vimos que há a necessidade de se trabalhar mais, principalmente nas escolas, as razões da realização de determinadas manifestações linguísticas, para que o entendimento chegue a todos e a desinformação não forme ignorantes. Nas palavras de Bagno (2013, p. 153),

A nova postura teórica e prática consiste em procurar conhecer as regras que estão levando os falantes da língua a usar *X* onde esperaria *Y*, identificar essas regras, descrevê-las, pesquisar explicações científicas para elas, e se possível, apresentá-las a seus alunos.

Tudo que é considerado erro tem uma explicação científica, nada acontece por acaso, há estudos científicos que comprovam isso muito bem, como forma de eliminar a visão equivocada de que determinado uso linguístico é feio e problemático.

A gramática não é tudo, e é dever do professor preparar seus alunos para serem bons usuários da língua, e não apenas para serem aptos a decorarem as regras para serem postas em exercícios que contribuam apenas para obtenção de notas. Os professores, devem ter a consciência de que seus objetivos devem ir muito além do que ver o aluno passar de ano, pois estes devem estar capacitados para que sejam produtores e leitores competentes da sua língua materna.

Os estudos da sociolinguística contribuem com o ensino por serem desenvolvidos na tentativa de encaminhar o aluno e favorecer a sua produção escrita e a sua leitura de textos nos mais variados contextos de sua vida pública e privada, utilizando-se das mais diversas linguagens. Para isso, é preciso que novos olhares sejam lançados sobre o uso da língua em sala de aula já que o ensino da língua materna precisa respeitar a heterogeneidade da língua e os diversos falares que os usuários da língua portuguesa pronunciam.

2.1 Variação linguística: considerações e contribuições

Considerando as discussões já feitas, vimos que as variações são muito estudadas pelos sociolinguistas, segundo Cezario e Votre (2011, p. 146) “A variação configura-se como um conjunto de elementos diferentes de outro, conjunto de outro grupo, de outra localidade ou de outro contexto.”. Assim, vemos que o que se tem é a ideia de diferença, não sendo necessário considerar isso como erro, já que sabemos que a língua está associada à gramática, mas não se resume a ela, pois além da gramática há na língua outras áreas e essas áreas devem se complementar, não havendo superioridade ou subordinação de uma ou outra.

Muitas pessoas demoraram para aceitar e outras ainda nem aceitaram que a língua é heterogênea, que ela tem várias formas de realização, que varia de acordo com diversos fatores e tudo isso a torna complexa e rica de fenômenos. Não há possibilidade de algo que é falado por diferentes pessoas, de diferentes lugares do país, com diferentes costumes, que nasceram em épocas diferentes e não tem o mesmo acesso à escolaridade ser homogêneo. É nesse contexto, que surge o conceito de variação linguística, que vai explicar tudo isso e desmistificar a noção de erro, investindo na questão da adequação/inadequação.

A realidade linguística na qual se inclui a diversidade e a heterogeneidade da língua já é conhecida por muitos estudiosos e vem ganhando espaço na sociedade. Confirmamos isso quando vemos que a questão da variação está sendo tratada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, desenvolvidos pelo Ministério da Educação, os quais afirmam que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1998, p. 29)

Podemos analisar que muito já foi vencido quanto ao ponto de vista da língua como única e homogênea. Dessa forma, ensinar e/ou estudar língua portuguesa é estudar a língua e suas variações, variações cheias de fenômenos que parecem ser ignorados, deixando de contribuir para o avanço das competências linguísticas das pessoas, que precisam entender a hora e o momento certo para falar algo adequado, mas que pode ser inadequado em outro determinado ambiente. Segundo Antunes (2009, p. 22, grifos da autora), “Exatamente por essa heterogeneidade de falares é que a língua se torna complexa, pois, por eles, se instaura o movimento dialético da língua: da língua que *está sendo*, que *continua igual*, e da língua que *vai ficando diferente*.”

Analisar os fenômenos linguísticos é indispensável para entender as mudanças que ocorrem, pois, já que a língua está em constante mudança e transformação, vão surgindo uma infinidade de técnicas e variações que são desconhecidas, mas que podem contribuir muito para uma vivência social coerente.

Tarallo (1985) interpreta variação linguística como duas ou mais maneiras de falarmos a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. Fica em evidência que os fatores que influenciam na diversidade linguística não ficam limitados somente ao tempo e ao espaço, há muitos outros que instigam novas variações. Muitas vezes, os usuários querem falar algo que já é de seu conhecimento, mas usam palavras diferentes, expressões distintas, porém, apesar de distintas possuem o mesmo sentido.

Como defende Monteiro (2000), se a língua tem um papel social, uma função de unir os indivíduos através da comunicação e da interação para estabelecer relações, ela tende a passar por adaptações que visam arranjar, moldar essas relações. Por isso, ainda na visão deste autor, frisamos que a heterogeneidade é esclarecida também pela dependência linguística da

sociedade, pela dependência social da língua, e, não poderia deixar de ser pela função social que a língua exerce.

Muitos ainda veem as variações como algo que atrapalha a língua, que empobrece, ridiculariza as regras as quais foram criadas para o bom falar. [Mas, ao contrário dessa concepção equivocada, sabe-se que toda língua está sujeita a sofrer variações e isso a torna mais rica, mais interessante. Como defende Coelho (2010, p. 25) “[...] a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes.” Todo ser humano pode desenvolver na sua fala variações, esta é uma característica que pertence a ele e o fato de falar diferente não significa que a fala será errada, sem significação, se o que se pretende falar é entendido a comunicação ocorre sem nenhuma interrupção.

Nossa fala é o reflexo da nossa identidade, ela revela de onde somos, o grupo ao qual fazemos parte, que hábitos linguísticos mais desenvolvemos, e é através da nossa fala também que nos igualamos aos nossos antepassados, a cultura que seguimos, o que foi feito e o que fazemos durante nossa história que é transmitida de forma coletiva. A linguagem, a língua e a cultura andam de forma inseparável. A cultura das pessoas e das comunidades influenciam muito nas mudanças linguísticas, pois essas são decorrências das mudanças históricas e culturais as quais a sociedade sofre. Por isso, Antunes (2009, p. 25) afirma que:

O que existe é língua que muda, que varia, que incorpora novos sons, novas entonações, novos vocábulos, que altera seus significados, que cria associações diferentes, que adota padrões sintáticos novos, sobretudo quando essa língua é exposta a variadas situações de uso, a outras interferências culturais.

O fato de a língua estar disposta na sociedade, vai fazer dela maleável a influências, ela vai se adaptar às mudanças da sociedade e da cultura e vai incorporar mudanças que a tornem mais próximas da realidade de cada meio social.

Dentro de todo contexto no qual as variações buscam seu espaço, há pessoas que não sabem aceitar determinadas mudanças, a aceitabilidade não chega a ser tão boa, as pessoas não são tolerantes nem flexíveis na hora de entender porque tudo se dá de determinada maneira e é por tudo isso que acaba chegando ao preconceito linguístico, as pessoas inferiorizam os que usam as variedades da língua, achando que apenas a variedade mais próxima da chamada língua de prestígio merece ser respeitada, fazendo surgir esse preconceito que circula na sociedade, menosprezando a língua, usando-a para fazer distinção. Como diz Antunes (2009, p. 29);

Seria bem mais proveitoso e mais animador se as mudanças linguísticas fossem vistas simplesmente como mudanças, como diferenças, algo inevitavelmente esperado na normalidade dos fatos sociais e históricos. Ou algo inteiramente previsível nos contextos regulados pelas instituições humanas.

As variações não passam disso, simples mudanças, presentes num sistema que não têm como ser homogêneo e abstrato que está a serviço das pessoas e por se darem nas estruturas sociais, não existem formas restritas, existe uma pluralidade linguística que se manifesta entre os falantes.

Tendo em vista todas essas alegações, precisa manifestar-se na comunidade linguística uma mudança de atitude que esteja disposta a combater o preconceito, que possua um senso crítico capaz de conscientizar as pessoas quanto a essas ocorrências, novos questionamentos precisam ser feitos voltados para a língua com esse olhar de respeitar o que é diferente.

Desse modo, buscar por esclarecimentos que expliquem determinados fenômenos linguísticos é o melhor caminho, esclarecimentos que sejam suficientes para desconstruir a visão incoerente que é dada a determinadas variações, que ocorrem na fala, é isso que Bagno (2013, p.141, grifos do autor) procura afirmar quando diz:

Se milhões de brasileiros de norte a sul, de leste a oeste, em todas as regiões e em todas as classes sociais falam e escrevem *Aluga-se salas* ou se há flutuação no uso de onde e aonde, o problema, evidentemente, não está nesses milhões de pessoas, mas na explicação insuficiente (errada, até, nesses casos) dada a esses fenômenos pela gramática normativa.

Todas as explicações dadas sobre esses assuntos gramaticais devem ter uma boa base, bons argumentos que sejam capazes de serem entendidos pelas pessoas, pois muitas vezes elas pretendem seguir a gramática normativa, se preocupam apenas em usa-la corretamente, mas não entendem a regra e o porquê do seu uso.

2.2 Preconceito Linguístico: o que é e como não fazer

A escola precisa se posicionar diante dos preconceitos linguísticos oriundos das variações linguísticas e compreender que o ensino tradicional de língua é uma prática que, de certo modo, corrobora com o preconceito linguístico. Nessa direção, pedagogias sensíveis relacionadas à heterogeneidade da língua devem ser tomadas como ferramentas de combate a um ensino de língua que afasta os educandos da interação em sala de aula. A esse respeito Bagno (2007, p.27) afirma: “O problema do preconceito linguístico disseminado na sociedade

em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença.” Se a escola pretende trabalhar com o intuito de acabar com a intolerância ao diferente, ela, sem dúvida deve visar acabar com o preconceito que há por volta da língua, livrando-se, primeiramente, de muitos mitos pregados pela gramática normativa e não agravando mais essa ação.

A implicância com as variações surgiu na comunidade linguística através de maus entendidos e se alastra em nosso meio. É por esse motivo que há anos, estudiosos buscam desconstruir o que já invade a mente das pessoas como forma de resolver esses maus entendidos e, para isso, é preciso um grande processo. Assim explica Bagno (1999, p.09): “O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa.”

Durante um longo percurso acerca do ensino da Língua Portuguesa, a gramática normativa foi o principal conteúdo tratado em sala de aula. Com isso, a ideia de que devemos sempre seguir as regras ditadas por essa gramática foi se espalhando na comunidade escolar e a disciplina de Português passou a ser vista como a disciplina que é regida por regras e que o descumprimento dessas regras acarretava erros que não são aceitos. Essa perspectiva deu espaço ao preconceito, pois os usos linguísticos que não estavam de acordo com as prescrições gramaticais eram inferiorizados, tratados de forma distinta.

Seria interessante que a escola apresentasse uma visão que ajudasse a combater todo esse preconceito criado. Isso já vem sendo pensado e muitos sistemas e programas que regem a educação já tem essa preocupação. A respeito disso, é ressaltado que,

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo da educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita - e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 2001, p.31)

A variação linguística geralmente é vista na escola de forma insuficiente, distorcida, muitas vezes, como se fosse algo que não merecesse ser trabalhado, mas, vemos em nossa sociedade a necessidade de se ter essa atenção por se tratar de algo que elimina muitas considerações equivocadas acerca da língua. Esse assunto deve ser visto como todo e

qualquer outro que assume uma postura relevante no estudo da língua, a noção de erro/acerto deve ser combatida o quanto antes, quanto mais ela prevalecer mais difícil vai ser minimizar o preconceito das aulas e da sociedade.

Sendo assim, devemos ter visão crítica quanto a tudo isso de modo a refletir acerca do processo de ensino-aprendizagem, o que nos permitirá resistir ao preconceito e ao mesmo tempo combatê-lo, compreendermos e tolerarmos. Entender argumentos como os de Bagno (2007, p. 157) nos ajudará bastante: “Já passou da hora de todas essas regras novas [...] serem consideradas tão corretas, elegantes e bem estruturadas quanto as regras previstas e prescritas pela tradição gramatical.”

A língua não pode servir para exclusão social, ninguém pode ser superior por dominar e saber fazer uso das regras ditadas pela gramática normativa. Inteirar-se sobre a riqueza da nossa língua, a sua história e tradição ajudará a deixar de usar as variações como fator para medir conhecimentos e excluir as pessoas, o conhecimento estará presente onde estiver a tolerância, a compreensão e a consciência de todas essas informações. Nesse contexto, Bagno (2009, p.129) destaca:

Se queremos construir uma sociedade tolerante, que valorize a diversidade, uma sociedade em que as diferenças de sexo, de cor de pele, de opção religiosa, de idade, de condições físicas, de orientação sexual não sejam usadas como fator de discriminação e perseguição, temos que exigir também que as diferenças nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas.

Nos dias de hoje o preconceito é tão comum na sociedade que muitas vezes deixa de ser combatido por ser visto como algo irrelevante, mas sabemos que o certo é combatê-lo, desde os preconceitos menos significativos até os de maiores impactos, pois quanto mais esse ato for ignorado mais vai crescer e deixar de ser visto como algo que merece atenção e prevenção. Na concepção de Bagno (1999, p. 75), “Mas os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo.” O autor nos mostra que as pessoas se acostumaram a ser preconceituosas e isso para elas é normal, faz parte da vida, deixando de lado a verdadeira visão de que isso é algo que só traz atrasos e atrapalha a convivência humana.

Muitas vezes as pessoas têm preconceitos consigo mesmo e se desvalorizam linguisticamente achando que outras pessoas sabem mais sobre as regras, conhecem e dominam melhor. Os usuários da língua se inferiorizam por julgarem que há pessoas superiores, pessoas mais cultas, que sabem se expressar melhor, mas essa visão é arcaica e

deve ser revista, pois não há usuários melhores ou piores na perspectiva linguística, há pessoas que usam a língua de acordo com a forma que é disponível para elas, da maneira que é conhecida por elas, não há como uma pessoa entender todas as regras prescritas, até porque elas também mudam.

Bagno (2013, p.115) defende que esse tipo de preconceito deve ser extinto da sociedade, assim como todo e qualquer outro preconceito, e isso deve ser uma luta de todos, não só dos envolvidos diretamente com o processo de ensino-aprendizagem, devemos tomar uma nova postura, ter novas atitudes:

[...] temos de combater o preconceito linguístico com as armas de que dispomos. E a primeira campanha a ser feita, por todos na sociedade, é a favor da mudança de atitude. Cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria auto-estima linguística: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós.

Muitos indivíduos têm um conceito de erro muito superficial e desvinculado de argumentos que comprovem se algo está realmente incoerente. Muitas vezes o erro é apontado sem nenhuma explicação, sem uma base que justifique o que está sendo julgado. As pessoas confundem ideias e fenômenos e fazem o preconceito se difundir. Porém, na língua essas considerações nem deveriam existir, uma vez que ela é algo que é adquirida e não aprendida; aprendem-se apenas as regras, mas o seu funcionamento já é conhecido desde sempre, sobre isso Bagno (2013, p.124) comenta,

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira. A língua materna não é um saber desse tipo: ela é adquirida pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite materno.

Dentro de uma sala de aula o professor de português não é o único que deve ter o objetivo de nortear o aluno diante desse assunto tão vasto, afinal, todo professor usa a língua para se comunicar. Logo, todo professor independente da área que leciona, pode dar essa contribuição na hora da sua aula, sendo ponte para o aluno na hora que ele precisar de algum esclarecimento, pois é algo que irá influenciar qualquer aula, e isso pode acontecer em qualquer momento de algum discente se manifestar linguisticamente de forma diferente e ser ignorado pelos seus colegas. Podemos assim refletir sobre o que diz Bagno (2013, p.29): “Por isso, a transformação do modo de encarar as variedades não-padrão tem de ser feita em todos

os campos da educação, sendo uma tarefa de todos e não apenas dos professores de língua portuguesa.”

Para tentar compreender um possível desacordo entre o ensino tradicional de Língua Portuguesa, ainda predominante na maioria das escolas e as novas tendências pedagógicas embasadas nos estudos da Sociolinguística, faremos a seguir uma análise de como os livros didáticos tratam as variações linguísticas e as orientações pedagógicas apontadas sobre as atividades e assuntos que envolvem essa questão para serem trabalhadas em sala de aula pelos alunos e pelos professores.

3 Uma análise de livros didáticos na perspectiva sociolinguística

Esse tópico mostrará a análise realizada em três livros de Língua Portuguesa do 6º ano: *Português Linguagens* de William Cereja e Thereza Cochar, *Singular & Plural* de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart e *Projeto Teláris* de Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, através de uma visão sociolinguística, examinando o que eles trazem acerca das variações linguísticas para serem estudadas em sala de aula, as orientações que os autores dão sobre como tratar esse assunto nas aulas de Língua Portuguesa e se o conteúdo presente é suficiente ou ainda precisa ser aperfeiçoado. Esses livros foram escolhidos por já termos contato com eles.

Nessa pesquisa, o foco será o livro do professor, a partir do qual serão analisados diálogos, as dicas de aplicação, sugestões de discussão, as orientações e as recomendações destinadas aos docentes em relação às variações linguísticas, na tentativa de alcançar os objetivos propostos.

Há quem diga que o aluno não frequenta a escola para aprender a falar, para ser educado, pois educação e fala se aprende em casa, no meio familiar e na convivência da sociedade. Sendo assim, o livro foi um veículo que se mostrou uma importante fonte de análise que, ao trazer uma enorme abordagem sobre a oralidade, nos auxilia a buscar pesquisar se as obras analisadas poderão apresentar um direcionamento adequado às variações linguísticas.

Nessa direção, faremos a identificação da concepção de linguagem que esse livro traz e que se encontra em destaque, pois sabemos que não pode haver demonstração da funcionalidade da língua, sem ter a consideração do contexto e do uso da diversidade linguística. Quanto à concepção de linguagem, Koch (2000, p.09), discorre: “temos a linguagem: a) como representação “espelho” do mundo e do pensamento; b) como

instrumento “ferramenta” de comunicação e; c) como forma, ou seja, “lugar” de ação ou construção de interação.” Dessa forma, ao elaborar seus objetivos e orientações os autores levam em consideração essas vertentes, embora que muitas vezes alguns focuem mais em uma concepção ou em outra, sendo superficial em alguma.

Com base na leitura dos livros e com recortes e observações desenvolvidas em dois textos e/ou exercícios de cada obra, serão identificadas as contribuições para a pesquisa. Desse modo, será desenvolvido um estudo descritivo, com um levantamento qualitativo, a partir da análise acerca da heterogeneidade linguística. Vale ressaltar que pesquisas como essa poderão contribuir para novas perspectivas relacionados ao ensino da língua materna.

3.1 Análise Livro Didático I: Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem

O livro *Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem*, tem autoria de Laura Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart. A obra sugere em seu título uma visão da Língua Portuguesa que não se prende apenas à gramática normativa, enfatizando o estudo da linguagem, da produção e da leitura.

Nas orientações contidas no livro, os autores mencionam as três concepções de linguagem: como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de interação. Porém, Figueiredo (2015, p. 357) ao dizer que “A língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução. E é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer regras de tal jogo”, deixa claro a predominância da concepção de linguagem como forma de interação.

O livro é dividido em três cadernos que seguem os segmentos da Língua Portuguesa de forma específica, havendo a separação entre os capítulos de estudos de linguagem, de produção textual e de literatura, sendo esses distribuídos entre: caderno de leitura e produção, caderno de literatura e caderno de língua e linguagem. O primeiro caderno está dividido em três unidades temáticas. As unidades apresentam dois capítulos, totalizando seis, que incluem, de forma combinada e com seções fixas, gêneros textuais, propostas de produção textual e eixos de leitura, oralidade e escrita. O segundo caderno possui apenas um capítulo pertinente à literatura com eixos de leitura. E o terceiro caderno possui três unidades, nas quais constam nove capítulos que contemplam estudos e conhecimentos linguísticos.

Será analisado um texto que em seu conteúdo iremos identificar a língua que deu origem a Língua Portuguesa e as transformações que já ocorreram no decorrer da sua evolução, com a finalidade de mostrar as mudanças que são sofridas com o tempo.

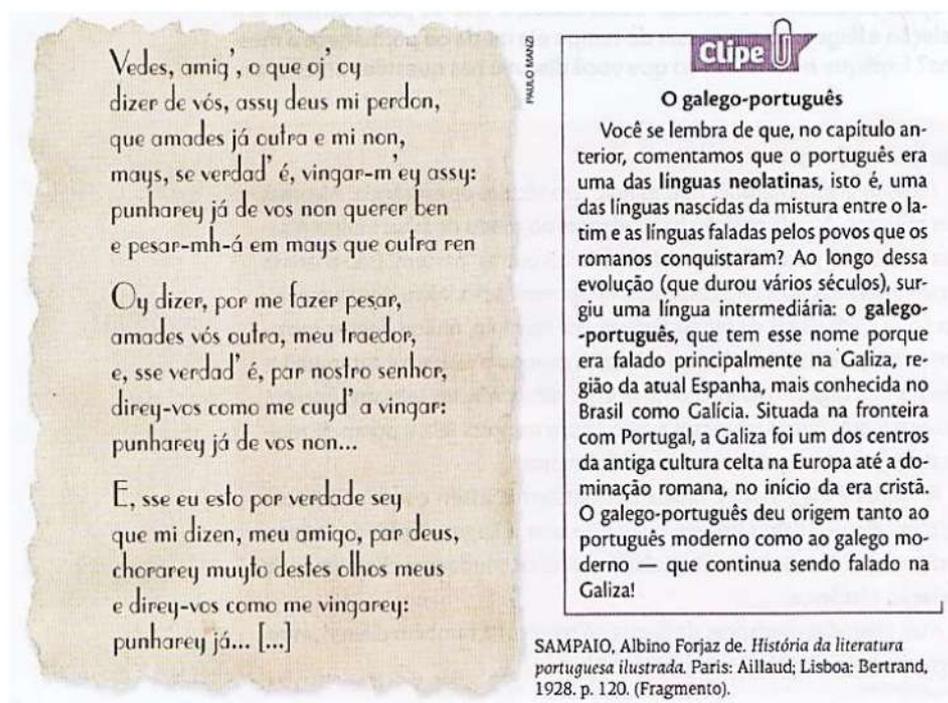


Imagem1: Texto do galego-português. Fonte: FIGUEIREDO, 2015, p.211.

O texto da imagem 1, aparece logo na primeira unidade do caderno de língua e linguagem da obra em análise, mais precisamente no capítulo 02, que tem como título *A língua como um conjunto de variedades*, página 210. Nesse contexto, o trabalho com a variação linguística apresenta-se da seguinte maneira: em um primeiro momento são apresentados textos que exemplificam as mudanças que a língua sofreu, desde o nascimento do galego-português, seguido de um exercício e de explicações sobre esses aspectos, enfatizando que a língua sofre mudanças com o decorrer dos tempos. Isso nos permite constatar que há uma despreocupação em focar a variação no início do livro, o que seria importante para esclarecimentos antecipados sobre a diferença entre a variedade padrão conferida no livro e as diversidades linguísticas usadas pelos alunos para interagirem em sociedade.

Na imagem seguinte, será analisado um exercício que consiste em uma tirinha com o diálogo de dois personagens os quais possuem linguagens características de seus lugares de origem, esse exercício tem como finalidade evidenciar as variações que existem nos mais diferentes lugares.

Texto 1: tira do Urbanóide

Mantivemos o nome "Urbanóide" acentuado por se tratar de um nome atribuído à personagem pelo cartunista, que ainda o registra desse modo.

1. Leia o boxe a seguir.

As tiras, assim como qualquer tipo de história em quadrinhos, representam situações orais de comunicação. Quer dizer que os enunciados que aparecem nos balões são como se fossem falados pelas personagens, apesar de estarem escritos.

2. Agora, leia a tira e responda às questões.

URBANÓIDE

Diogo Salles

© DIOGO SALLES

a) Urbanóide, a personagem de barbicha, é um paulistano. A outra personagem também é paulistana? Explique.

b) Observe a fala do Urbanóide no último quadrinho. O jeito de falar e o sotaque – que fica marcado na escrita das palavras *sinixtro* e *valheu* – são de paulistano? Explique.

c) Analise as palavras *estranho* e *sinixtro*. Qual está representando o sotaque paulistano e qual representa o outro sotaque?

d) Afinal, o que aconteceu nessa tira?

Imagem 2: Exercício sobre variação linguística. Fonte: FIGUEIREDO, 2015, p.213.

Em um segundo momento, como mostrado acima, o livro começa a abordar a variação linguística na oralidade e traz como sendo uma das variedades do português brasileiro, o regionalismo, este especificamente citado como uma variedade que foi estabelecida por razões de localização. Traz um exercício com intuito de fazer os leitores entenderem as diferenças nas falas das personagens e o motivo delas se expressarem dessa maneira. Notamos que, nesse caso, o tratamento da variação se restringe ao sotaque e ao léxico, pois as atividades são propostas apenas com a finalidade de identificação desses dois fatores.

Detectamos, nessa seção do livro, a preocupação dos autores em mostrar diferentes textos com diversas variações, explorando a classe social, a diacronia e a localização regional como fatores para essas variações, juntamente com os exercícios. No entanto, não há o cuidado de apresentar de forma mais abrangente essas diversidades linguísticas, mas a principal finalidade é a de identificar as variedades urbanas de prestígio e as variedades usadas pelos moradores de outras localidades, por meio das representações da fala, como podemos constatar no exercício citado.

Nesse capítulo, percebemos que os autores pretendem expressar os graus de formalidade, destacando os recursos orais em contextos não cotidianos e formais. É preciso observarmos que, mesmo que em pouco espaço, foram mostrados quais os fatores que

colaboram para essas variações. No entanto, ainda se preocupam em tornar a gramática normativa como merecedora de mais privilégios, comparando-a com as variedades urbanas de prestígio.

Desse modo, percebemos que são poucas as informações contidas sobre esse importante assunto, apesar de ser bem falado nas orientações pedagógicas presentes no livro do professor. Nessa linha, ressaltamos que esse assunto deve ser trabalhado, pois, a partir dele ampliamos nossos conhecimentos linguísticos além de combater o preconceito linguístico. Em suma, desde as etapas iniciais de escolarização, a variação deve ser vista como algo natural da língua.

Ao esmiuçarmos a orientação dada para a realização dos exercícios, apuramos o fato do grau de formalidade e a informalidade da língua presente em cada uma das situações apresentadas, o que fará com que o educando pense bem antes de empregar as formas linguísticas em cada um desses casos. Entretanto, estudos práticos como esses não são suficientes para levar o educando a refletir sobre as variedades linguísticas e adaptá-las aos contextos nos quais eles estão inseridos.

Devemos ressaltar que não há em todo livro uma atenção detalhada para com as diferenças que existem entre os níveis de linguagem, entre a consideração da origem social, histórica, cultural e regional dos usuários que precisam da língua.

Em suma, verificamos que mesmo atribuindo um tratamento limitado ao tema, os autores configuram valor a esse assunto que a cada dia ganha um pouco mais de espaço nos livros didáticos, vale ressaltar que a escola é um dos espaços privilegiados de interação entre sujeitos por isso, é primordial explorar essa perspectiva. Todos nós temos uma forma de nos expressarmos, de interagirmos, pois fazemos parte de uma sociedade diversificada e assim a linguagem também será diversificada. A ideia de língua, cultura e sociedade deve ser tomada como importante na escola para que assim seja disseminada em nosso meio e isso é mostrado de maneira sucinta nesse livro em análise.

3.2 Análise Livro Didático II: Português Linguagens

Quanto ao livro *Português: Linguagens*, tem autoria de Willian Cereja e Thereza Cochar, foi analisado apenas o volume do 6º ano da coleção. A obra sugere em seu título uma perspectiva da Língua Portuguesa como sendo a base para toda e qualquer linguagem, deixando claro a predominância da concepção de linguagem como instrumento de comunicação e como forma de interação, já que essas ações só são praticadas através da

linguagem. Nas orientações trazidas no livro, os autores evidenciam a importância da democratização do texto, o que nos revela que o texto é algo que deve ser feito por todos, deve ter a participação de todos, o que se torna extremamente importante em um contexto no qual havia espaço apenas para os textos considerados corretos pela gramática normativa, trazendo ainda as noções de adequação/inadequação como proposta de avaliação da situação comunicativa.

Diante da situação comunicativa, o que determina se o texto é qualificado não é apenas o fato de atender as regras, seguir padrões, mas sim se ele cumpriu seu objetivo ao ser desenvolvido, seguindo essa linha, Cereja (2015) afirma:

A avaliação dessas produções abandona os critérios quase exclusivamente literários ou gramaticais e desloca seu foco para outro ponto: o bom texto não é aquele que apresenta, ou só apresenta, características literárias, mas aquele adequado à situação comunicativa para a qual foi produzido. A avaliação deve levar em conta, portanto, aspectos como a adequação do conteúdo, da estrutura e da linguagem ao próprio gênero, ao interlocutor e à situação como um todo e o cumprimento da finalidade que motivou a produção. (p.282)

A obra está dividida em quatro unidades temáticas e cada unidade apresenta três capítulos, integrando 12 capítulos, que abrangem, de forma estruturada, gêneros textuais e temas ligados à literatura, à produção textual e aos estudos linguísticos. Em cada unidade há tópicos e elementos que tratam de eixos de leitura, oralidade, escrita e conhecimentos linguísticos, sem fazer a segmentação entre os capítulos que trazem os estudos de linguagem e de produção textual, como no livro analisado anteriormente.

Examina-se, já a princípio, na primeira unidade do livro, a maior ênfase dada ao tratamento das variações linguísticas no Capítulo 02, dedicado a abordar sobre esse fenômeno, da página 39 até a página 49. Vemos assim que há uma preocupação em falar da variação no início do livro, o que é relevante para o alunado, que já a princípio começa a ter contato com o conteúdo. De início, traz vários conceitos essenciais para o estudo desse assunto, como os conceitos de variedades linguísticas, norma padrão e variedade de prestígio, além de tratar das noções de preconceito linguístico e se dedicar em um subtópico em desmistificar a ideia de erro/acerto, falando sobre adequação/inadequação da fala.

Na imagem 3, será exposto um exercício que se dá a partir da leitura de uma tira e nela veremos a questão da influência das falas com marcas das variações linguísticas que são ditas ao nosso redor.

A língua em foco

AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.



(Folha de S. Paulo, 3/8/2007)

- O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
 - Que palavras causam estranhamento à mulher? *Provavelmente todas as que o papagaio fala: "bicicleta", "cocrete", "cardeneta".*
 - Como provavelmente ela diria essas palavras? *bicicleta, croqueta, caderneta.*
- Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?

O papagaio aprende a falar imitando as pessoas com as quais ele convive.
- No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
 - Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio? *Ele deve ser o dono anterior do papagaio.*
 - A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?

A fala do comerciante revela que o papagaio aprendeu a falar com ele, pois ele também emprega a língua de uma forma diferente da norma padrão. Professor, até que o aluno aprende o conceito de norma-padrão, você poderá explicar que a forma empregada pelo comerciante é diferente da que está registrada no dicionário.

39

Imagem 3: Exercício sobre variações linguísticas. Fonte: CEREJA, 2015, p.39.

Como podemos observar a partir do fragmento acima, durante essa seção que tem como título *A língua em foco*, os autores se preocupam em mostrar o conceito de variação linguística através de uma tirinha que vem seguida por um exercício. Na tirinha, o papagaio fala da mesma forma que o seu antigo dono, que também fala diferente do que é prescrito pela norma-padrão, ele utiliza os termos “bicicleta” ao invés de bicicleta e “cardeneta” ao invés de caderneta. Podemos considerar que essa variação se dá pelo fato do grau de escolaridade do comerciante. Vimos também um certo preconceito da personagem que foi devolver o papagaio por ele falar diferente, chegando a afirmar que a ave falava errado.

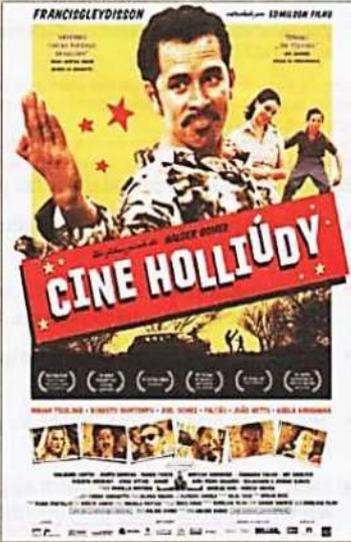
Nas páginas seguintes os autores falam sobre os tipos de variações, levando em considerações os fatores que influenciam essas variações, como escolaridade, diferenças históricas e de região, entre outras. Além de reforçar tudo isso com um texto extra que fala sobre a quantidade de línguas que existe no mundo e outros textos de apoio, não deixando de discorrer sobre as variações na construção dos textos.

A imagem 4, traz palavras características de determinados estados do país como forma de mostrar o vocabulário e as expressões que são usadas nele, explicando seus significados.

Salve o pernambuquês e o cearencês!

Conheça algumas das palavras e expressões usadas em Pernambuco e em outras cidades do Nordeste:

aperreio: preocupação, angústia
arenga: pequena briga
bicado: embriagado
bufento: desbotado
danou-se: expressão usada por alguém para indicar espanto ou anunciar que vai embora
fuleiro ou **peba:** fraco, sem valor, sem qualidade
liso: pobre ou em dificuldades financeiras
mangar: rir de alguém ou de algo
mói: grande quantidade
munganga: careta
oxe: expressão usada para indicar espanto
pantim: vergonha ou frescura
rabissaca: gesto de desdém, de dar as costas
renca: grupo de pessoas
virado na catita: alguém rápido
xexero: caloteiro, que não paga as contas



Cartaz do filme *Cine Hollúdy*, de Halder Gomes, o primeiro filme brasileiro falado em cearencês, com legendas em português.

Imagem 4: Vocabulário Pernambuquês e cearencês. CEREJA, 2015, p.47.

Na imagem acima podemos observar, que os autores valorizaram as expressões próprias do vocabulário de determinados estados, apresentando seus significados e mostrando que apesar de serem expressões distintas, podem ter o mesmo sentido de expressões características do vocabulário de outras localidades, um tipo de variação que mostra uma identidade própria, uma língua que caracteriza determinada região ou estado, como por exemplo, o vocabulário nordestino, que por vezes é ridicularizado por pessoas de outras regiões.

São diversas as informações contidas sobre esse assunto, que merecem uma abordagem maior, como a que constatamos nesse livro em análise, vimos isso frequentemente, dentro da obra, principalmente quando os gêneros orais entravam em cena.

Na passagem do livro que aborda as variações, constatamos que os autores mencionam bem vários itens e indagações que permeiam as mudanças linguísticas, mostrando de forma esclarecida que há implicado em tudo isso, um conjunto de fatores que vão além da língua, fatores que, muitas vezes, são ignorados, mas que exercem influências significativas. Observamos assim, que os produtores do livro consideram as variações através das diferenças de lugares e/ou regiões, da escolaridade, das diferenças históricas, falam também sobre a diferença que há entre a oralidade e a escrita, comentando sobre vícios de linguagem, além de levar em conta a formalidade e a informalidade, as gírias e a linguagem diferenciada adotada nos gêneros virtuais.

Ao examinar as orientações dadas para a realização dos exercícios, verificamos que os escritores permanecem com a noção de adequação/inadequação das diversas formas de proferir a língua, isso é comprovado durante os exercícios que detalham os contextos nos quais os textos se dão e explicitam como se dá a linguagem em cada contexto exemplificado. O fato de trazer um tópico tratando sobre as variações dentro do texto também nos mostra o quanto já existem escritores conscientes da necessidade de termos contato com esse tema, sobretudo no meio escolar.

Vale ressaltar que apesar de não conter em outras partes do livro outras considerações sobre as variações, essa obra fala e trata bem sobre o tema em questão.

Ponderamos, assim, que não devemos deixar de seguir os ensinamentos sociolinguísticos, que, segundo muitos estudiosos, são expressivos e pertinentes para o ensino de Língua Portuguesa. Temos que buscar atenuar as ideias negativas que estão por volta da Língua e das suas variações, para isso, temos também que deixar de tornar a gramática normativa como a primordial no ensino da nossa língua materna.

3.3 Análise Livro Didático III: Projeto Teláris: Português

O livro *Projeto Teláris: Português*, do 6º ano, tem autoria de Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi. A produção, de acordo com as orientações lidas e as informações observadas, tem como norteadora de todo desenvolvimento a concepção de linguagem como instrumento de comunicação e forma de interação, como no livro analisado anteriormente. Nas orientações dadas, os escritores defendem que o ensino gramatical precisa ser reformulado, isto é, deve ajudar e não ser obstáculo na função de comunicar desempenhada pelos usuários. Borgatto (2015, p.347), autor do livro em análise afirma que,

Nesse contexto os estudos gramaticais têm seu papel ressignificado: passam a ser encarados como um instrumento facilitador para a apropriação de recursos linguísticos, escolhas de linguagem de que o usuário poderá dispor para seus propósitos de comunicação.

Os escritores também focam em evidenciar que tanto os gêneros orais quanto os gêneros escritos atendem a objetivos específicos, desse modo, nada é falado em vão, nada é escrito por acaso. Borgatto (2015, p.243) acrescenta que “Saber expressar-se oralmente com os mais diversos propósitos significa não apenas conhecer os diferentes gêneros textuais, mas também reconhecer as distinções entre o falar e o escrever e as especificidades de cada um.”

Essa obra está dividida em quatro unidades temáticas e cada unidade apresenta dois capítulos, somando 8 capítulos, que abrangem, de forma elaborada, tópicos de gêneros textuais e temas ligados, à produção textual, aos estudos linguísticos e à literatura. Em cada unidade existem seções que versam eixos de leitura, oralidade, escrita e conhecimentos linguísticos, sem fazer a divisão entre os capítulos que falam sobre os estudos de linguagem e de produção textual.

Na unidade 01 do livro, observamos uma maior ênfase às variações linguísticas, no primeiro capítulo, que já começa expondo esse assunto e o aborda da página 20 até a página 71, dissertando sobre vários pontos importantes, trabalhando bastante com linguagem oral. Examinamos, durante todo capítulo a predominância das variações, vistas em textos, com atividades reflexivas acerca dos diversos falares, as práticas da oralidade através da linguagem popular, com várias exemplificações das variações entre usuários de diferentes faixas etárias, a questão do regionalismo e do monitoramento que há por volta da língua. Vejamos:

1. Leia e observe como a autora do conto "O bisavô e a dentadura" registrou o jeito de falar de alguns personagens:

- Toninho, ocê vai beber desse copo aí, na sua frente? Olha que o bisavô deixou a dentadura dele de molho [...]
- Num foi no meu, não: foi no copo da Maroca! [...]
- Ó gente, num brinca assim que eu fico cum nojo, uail



a) Para compreender melhor o porquê de a autora ter registrado a fala das personagens assim, complete, escrevendo no caderno, as informações a seguir, de acordo com o texto:

- **região onde as personagens vivem:** Montes Claros, Minas Gerais
- **espaço onde estão as personagens:** a volta da mesa
- **situação:** conversa no momento das refeições
- **caracterização das pessoas:** da mesma família, com idades diferentes

b) Responda no caderno: qual é a intenção da autora ao escrever dessa forma a fala das personagens? A autora quis representar uma forma de falar de determinada região, em uma situação específica, por determinado grupo de pessoas.

2. Conversem entre vocês: quais as semelhanças ou diferenças entre a forma como está registrado no texto e a forma como seria falado em sua região? Estimular os alunos a refletir sobre as diferenças em relação à pronúncia, ao uso de expressões típicas, entonação e expressões.

Insistir com os alunos que não há uma língua portuguesa única no Brasil, mas variações linguísticas, que são as diversas maneiras de se empregar a língua, falando ou escrevendo. Cada variação pode ter termos e expressões próprios, apresentar recursos sintáticos específicos e estar vinculada a fatores particulares do grupo que a utiliza – região do Brasil à que pertence, grupo social do qual faz parte, escolaridade etc. Por outro lado, considerar também que, durante muito tempo, por razões históricas, a escola assumiu que sua função era ensinar a norma-padrão. Essa norma, em grande parte baseada em usos de autores consagrados da literatura, constitui as regras da gramática normativa, um modelo ideal de língua para o "bem falar" e o "bem escrever", uma construção histórica idealizada. Pesquisas (v. Projeto Nunc – Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana e Cuiabá do Brasil) revelam que mesmo as pessoas mais escolarizadas não seguem exatamente essas regras, até mesmo porque a língua é dinâmica, sofre inúmeras influências e, conseqüentemente,

Imagem 5: Atividade sobre variações linguísticas. Fonte: BORGATTO, 2015, p.32.

Vemos um enfoque maior na seção intitulada *Língua: usos e reflexões*, a qual, como observamos acima, traz uma contextualização através de uma situação comunicativa e, logo após, discorre sobre conceitos ligados a esse ponto e que buscam fazer com que o leitor chegue a um entendimento do que vem a ser variação e os fatores que a perpassam,

ênfatizando sempre que a língua tem uma função comunicativa que é determinada através de seus falantes quando estes se preocupam com o contexto no qual está inserido, com os interlocutores envolvidos nesse contexto e as demais circunstâncias que envolvem tanto a fala quanto a escrita.

Na imagem 6, iremos encontrar elementos que são influenciadores das variações linguísticas, assim sua finalidade é de mostrar o que chega a causar essas variações, quais aspectos as motivam.



Imagem 6: Fatores que influenciam as variações linguísticas. Fonte: BORGATTO, 2015, p.33.

Acima, observamos que em outra passagem do livro, há um subtópico que visa conceituar de forma mais direta as variações, reconhecendo que existem outras variedades além da padrão e entendendo que fatores como a região, a situação, a faixa etária, o nível sociocultural e a intenção do que produz a mensagem são fatores determinantes para explicar essas possíveis variações.

São diversos os dados e noções dessa temática tratados na obra, não vemos tanto a preocupação de trabalhar gramática pela gramática, há um respeito entre as vertentes o que mostra que o ensino-aprendizagem vem sendo modificado e as variações valorizadas, os autores sempre buscam chamar atenção e comprovar que a língua é heterogênea, é variável e está em constante transformação.

Durante todo o capítulo, podemos perceber que os autores pretendem mostrar ao seu público-alvo, os estudantes, que eles possuem a capacidade de desenvolverem suas

competências linguísticas e usa-las da forma que sentirem necessidade, uma vez que cada contexto vai exigir do usuário um comportamento linguístico específico, ou seja, há situações nas quais eles poderão ser mais formais, há situações nas quais eles poderão ser mais informais e isso vai depender do contexto comunicativo.

É de grande relevância observarmos que os livros didáticos viabilizam momentos de reflexão sobre a língua e o seu funcionamento, enfatizando que as variedades linguísticas devem fazer parte do ensino de Língua Portuguesa.

Ao sondar as orientações dadas para a realização dos exercícios, certificamos que os autores desse livro didático expressam a concepção de adequação/inadequação. Mas, além dos autores, sabemos que é necessário que os professores também adotem essa mesma visão, pois eles são mediadores dos conhecimentos. A variação precisa ser vista como objeto de conhecimento que complementa a gramática, tornando a língua portuguesa uma disciplina instigante e valorizada, livre de preconceito e deixando de ser considerada uma disciplina complexa.

Estudar as mais diversas variedades da língua é bastante valoroso e interessante para que o educando tenha a compreensão linguística ligada ao crescimento da sua sabedoria e seja competente o suficiente para entender e respeitar os diversos falares que são produzidos. Desse modo, não é coerente uma aprendizagem que pensa apenas na variedade padrão, cheia de regras, muitas vezes, como a única forma correta, e sim uma aprendizagem voltada para o intuito de mostrar os fenômenos heterogêneos que a língua possui, o que despertará uma consciência linguística livre de preconceitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que alguns livros didáticos, se preocupam em impor a norma culta, tida como privilegiada, ignorando a diversidade que existe na língua portuguesa e ligando as variações a determinados fatores que se restringem a escolarização e ao regionalismo. A esse respeito Bagno (2007, p. 15) afirma que,

Um dos principais problemas encontrados nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais 'correto', mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação.

Outro equívoco acerca da abordagem das variações nos livros didáticos é o da nomenclatura, confunde-se a norma-padrão designada pelas gramáticas com uma variedade única e insubstituível de língua, que é a norma culta, empregada pelos falantes escolarizados, ou seja, o termo “norma padrão” é utilizado como sinônimo de “norma culta”. A esse respeito, Bagno (2007, p. 131) afirma que:

[...] a ideia de que o ‘português são dois’, quando na realidade, o português brasileiro são três: uma norma-padrão, que não é a língua de ninguém; um conjunto de variedades estigmatizadas e um conjunto de variedades prestigiadas, cada um deles caracterizando grupos sociais específicos.

Tendo em vista essa visão, observamos que é levado em consideração a ideia de existir dois português: o padrão e o culto, menosprezando o português que é estigmatizado por não seguir nem a norma padrão nem a norma culta.

Muitos professores, durante as aulas de Língua Portuguesa, restringem o que ensinam aos conteúdos da gramática normativa, corrigindo o português considerado errado, ensinando nomenclatura gramatical e análise gramatical, sem contextualização, a preocupação consiste apenas em acertar.

Sabemos que a gramática não é tudo, que ela precisa das demais vertentes da língua para significar, no entanto, reconhecemos que a escola precisa ensinar a variedade padrão, então, para que haja uma concordância entre a variedade padrão e a não-padrão, é necessário trabalhar as duas perspectivas, o que é difícil de ser visto, uma vez que em muitos contextos escolares predomina a exclusão da variedade de menor prestígio, colaborando para a discriminação linguística e fazendo, de certo modo, com que os falantes da variedade não-padrão sofram preconceito.

Cada autor que desenvolveu os livros em análise possui uma visão específica acerca das variações linguísticas, assim, esse tema é abordado de diferentes formas, o autor reflete na vida do aluno e nas aulas a opinião e a importância que ele próprio dá a tudo isso, o que acaba influenciando também as pessoas que entram em contato com esses livros. A influência que o profissional, produtor do livro didático, teve durante sua formação será transferida para outras experiências e isso vai passando os diversos contextos de circulação do seu livro.

Os estudos dessa pesquisa nos proporcionaram examinar livros didáticos baseados em visões e metodologias que, aos poucos, vem introduzindo as contribuições da Sociolinguística. Porém, mesmo vendo que esses livros já dão espaço a esse assunto tão

relevante no estudo da língua materna, e que não só a variedade padrão tem esse espaço, sabemos que ainda há muito o que acrescentar.

É fundamental, acima de tudo, buscar uma reflexão mais apropriada sobre as variações linguísticas, que seja baseada nos fatores geográficos, no grau de escolarização, nos fatores sociais, históricos, etários, profissionais, dentre outros. Além disso, devemos pensar em tudo de forma contextualizada, levando em conta o funcionamento da língua, com seus fenômenos e não apenas com as regras sistemáticas.

A constatação a que chegamos é que mesmo com tantas questões vencidas e tanto espaço conquistado quanto ao ensino de Língua Portuguesa, ainda temos um longo caminho para enfrentar, até porque muitas mudanças ainda serão necessárias. Todavia, podemos observar, por parte dos autores dos livros didáticos, a tentativa de adaptar as obras aos fundamentos heterogêneos da língua, desconstruindo as ideias de certo e errado, ao tratar dos usos linguísticos por parte dos falantes brasileiros e desmistificando a ideia de que a língua é um sistema homogêneo e único.

Cabe a nós, enquanto professores, tentarmos fazer o possível para impedir que o preconceito linguístico cresça em meio a uma sociedade que já tem preconceito com tanta coisa. Devemos mostrar aos nossos alunos que somos diferentes, temos nossos traços particulares e isso não é diferente com a nossa língua, a usamos de formas distintas. Nossas práticas refletem no ensino-aprendizagem dos nossos alunos e isso nos mostra a responsabilidade que temos.

Os livros didáticos são recursos colaborativos, mas os professores devem também exercer seu papel, colocando em prática o que é evidenciado na teoria. Os professores são protagonistas do ensino, por isso, devem sempre buscar atualizações acerca das novas tendências teóricas de sua área de formação e atuação, bem como quanto às novas práticas pedagógicas, dessa forma, trará melhorias ao ensino.

Os estudos e análises realizadas durante o desenvolvimento desse trabalho, cumpriram as expectativas esperadas e muito foi observado e descoberto acerca do assunto tratado, esperamos que as considerações adotadas sejam revistas e tudo isso contribua de alguma forma para o ensino da língua portuguesa, essa disciplina tão importante e que é a base para tantas outras disciplinas.

Enfim, que sejamos instrumentos do saber, que todos os nossos alunos cresçam intelectualmente, linguisticamente e que se tornem bons entendedores e falantes dessa língua tão rica e cheia de inovações que é a nossa, tendo acesso a boas aulas e a uma boa educação disseminada por nós, professores.

ABSTRACT

The present work focuses on the didactic book and the teaching of Portuguese Language in the sociolinguistic perspective. Therefore, Portuguese CPNs (1998), as well as the writings of authors such as Antunes (2009), Bagno (2006, 2007 and 2013), Coelho (2010), Gnerre (2003), Cezario and Votre (2011), Monteiro (2000) and Tarallo (1985) were consulted, who discuss Portuguese Language teaching in correspondence with the study of linguistic variations, in order to consider them as important as the language established in normative grammar. In this perspective, the aim of this study consists in analyze the teaching of linguistic variations from three books of Portuguese Language of the 6th grade, which is frequented of mostly 11-year-old kids: “*Português Linguagens*” by William Cereja and Thereza Cochar; “*Singular & Plural*” by Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar and Shirley Goulart; and “*Projeto Teláris*” by Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin and Vera Marchezi, showing their contributions and considerations, promoting a reflexion about these linguistic variations attempting to a reduction of linguistic prejudice. Thus, it is also a goal to highlight new pedagogies and educational practices that facilitate the student to demystify the idea of Portuguese Language that corresponds just of the normative grammar.

Key words: Teaching. Portuguese Language. Variation. Sociolinguistic. Didactic book.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália :** novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. Marcos. **Preconceito Linguístico:** como é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi. **Projeto Teláris: português:** ensino fundamental 2, 6º ano / Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, Vera Lúcia de Carvalho Marchezi. – São Paulo: Ática, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. – 3. ed. - Brasília: A Secretaria, 2001.

CEREJA, William Roberto. **Português:** linguagens, 6 / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 9. ed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2015.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual da Linguística.** São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, Izete. **Sociolinguística** / Izete Coelho. – Florianópolis : LLV/CCE/ UFSC, 2010.

FIGUEIREDO, **Laura de. Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem, 6º ano** / Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar, Shirley Goulart. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2015.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto. 5. Ed., 2000.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis–RJ: Vozes, 2000.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.